

Copom mantém Selic em 13,75% a.a.

Depois de 12 altas consecutivas, o Comitê de Política Monetária do Banco Central (Copom) manteve a taxa Selic em 13,75% a.a.. Assim, ela continua no mesmo patamar de dezembro/16 e é a maior desde outubro/16 (14%). Desde o início do ciclo de aperto monetário, em março/21, a Selic aumentou 11,75 pontos percentuais, passando de 2% a.a. (março/21) para 13,75% a.a. (agosto/setembro/22). O mercado financeiro já aguardava que, nesta sexta reunião do ano, o referido colegiado manteria a Selic inalterada.



Fonte: Banco Central do Brasil.

A decisão do Copom acontece depois de dois meses consecutivos de queda na variação mensal do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), que é o indicador oficial da inflação oficial no País. Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) o referido indicador apresentou queda de 0,36% em agosto, em relação ao mês anterior. Em julho, a variação foi de -0,68%. A última vez que o IPCA caiu, por dois meses consecutivos, foi em abril e maio/20, quando a pandemia estava no seu início no País. Também vale ressaltar que a variação foi a menor, para um mês de agosto, desde 1998 (-0,51%). Ou seja, o Brasil registrou a menor inflação, para um mês de agosto, dos últimos 24 anos. Em agosto, mais uma vez, o resultado foi especialmente influenciado pela queda no preço dos combustíveis, o que levou o grupo “transportes”, a registrar recuo de -3,37%. Neste mês observou queda nos preço do gás veicular (-2,12%), no óleo diesel (-3,76%), no etanol (-8,67%) e na gasolina (-11,64%).

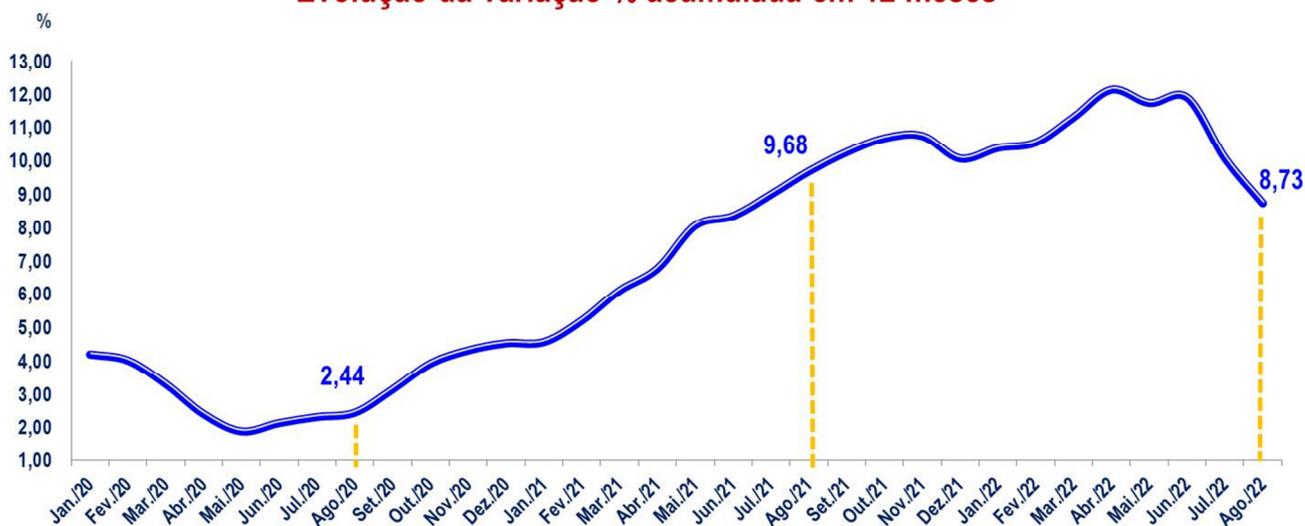
IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo) Evolução da variação % mensal



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

O IPCA acumulou, nos primeiros oito meses do ano, alta de 4,39% e, nos últimos 12 meses, de 8,73%. É a primeira vez, desde agosto/21, que a inflação oficial no País fica abaixo da casa de 10%. Certamente as medidas adotadas para a redução dos custos dos combustíveis (redução das alíquotas de ICMS) ajudam a explicar esse resultado.

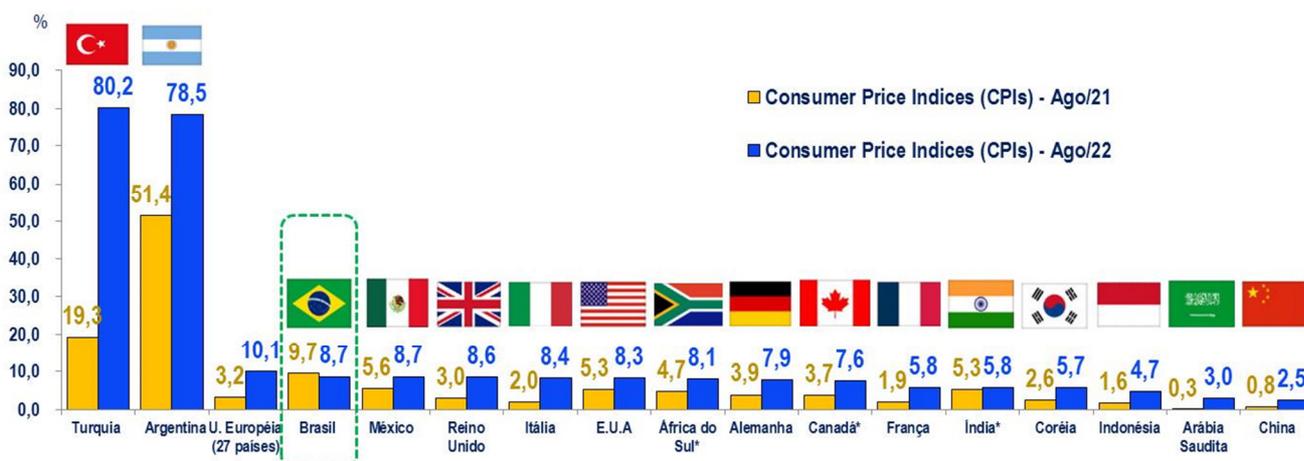
IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo) Evolução da variação % acumulada em 12 meses



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

Considerando uma análise com 14 países (Turquia, Argentina, União Europeia, Brasil, México, Reino Unido, Itália, Estados Unidos, Alemanha, França, Coreia, Indonésia, Arábia Saudita e China) componentes do grupo das 20 maiores economias do mundo, observa-se que o Brasil é o único que apresenta variação 12 meses, encerradas em agosto/22 (8,7%), menor do que a registrada em igual período do ano passado (9,7%). Nos Estados Unidos, por exemplo, enquanto a inflação fechou 12 meses em agosto/21 em 5,3%, em agosto/22 a variação foi de 8,3%, um dos maiores patamares dos últimos 40 anos. Assim, observa-se que o aumento de preços acontece no cenário global. Com o início da pandemia, as cadeias produtivas globais foram impactadas e sofreram forte desestruturação. Com o avanço da vacinação, elas iniciaram um processo de readequação. Entretanto, sofreram novo impacto em fevereiro/22, com o início dos conflitos entre Rússia e Ucrânia. Dessa forma, a elevação de preços é um fenômeno mundial.

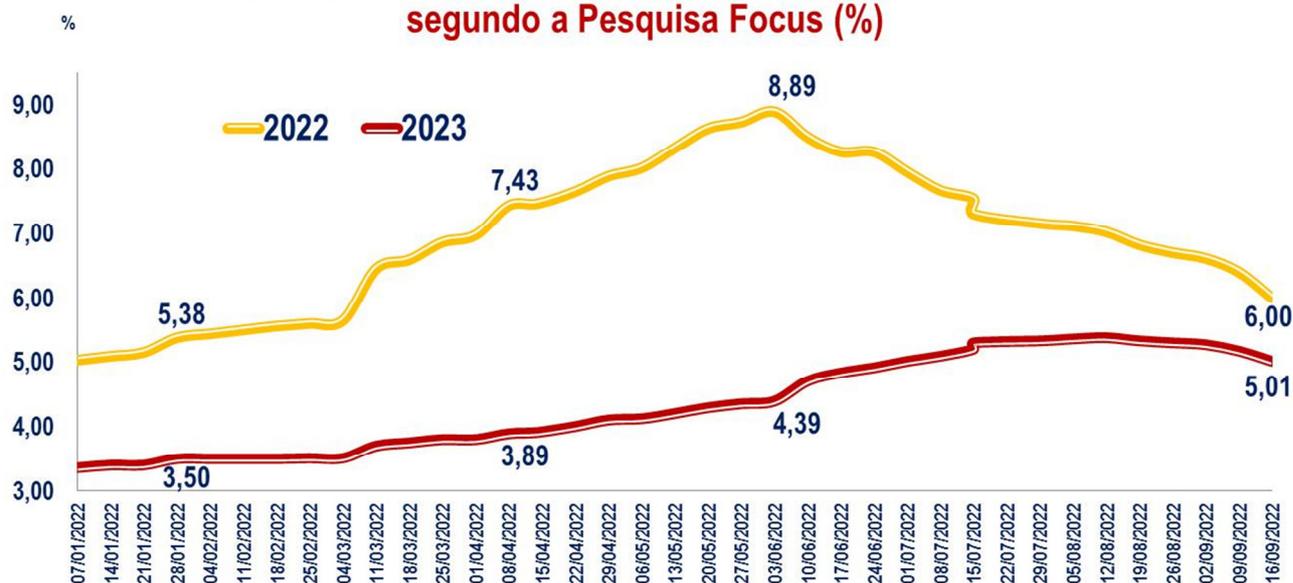
Consumer Price Indices (CPIs) - G-20 Var.(%) acumulada em 12 meses - Ago/21 e Ago/22



Fonte: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).
Obs.: Dados dos países Austrália, Rússia e Japão não estão disponíveis.
* Dados dos países África do Sul, Canadá e Índia referem-se aos meses de jul/21 e jul/22.

As expectativas para o IPCA em 2022 e 2023 estão arrefecendo. Conforme as projeções realizadas pela Pesquisa Focus, do Banco Central (16/09/22), o referido indicador encerrará 2022 em 6,0% e, em 2023, 5,01%. Apesar destes números ainda indicarem inflação superior ao centro da meta, eles estão perdendo intensidade. A estimativa para 2022 já chegou perto de 9% e a do próximo ano já chegou a alcançar 5,4%. Agora, para 2022, as expectativas estão caindo há 12 semanas consecutivas, e, para 2023, há cinco semanas elas estão reduzindo.

Expectativas para a Inflação (IPCA/IBGE) em 2022 e 2023 segundo a Pesquisa Focus (%)

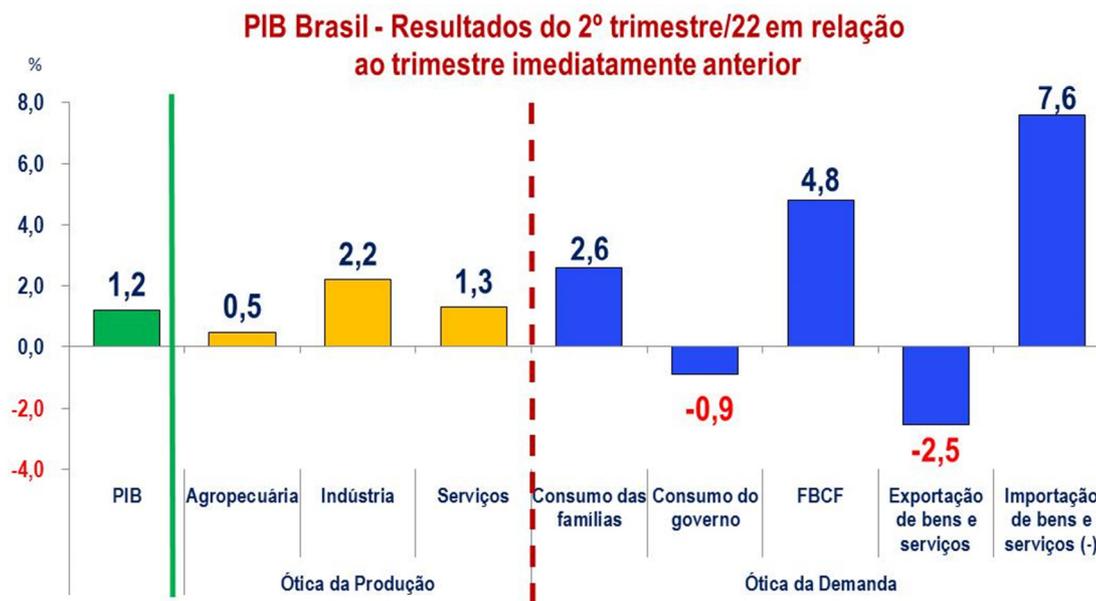


Fonte: Banco Central do Brasil - Boletim Focus (16/09/2022).

É importante destacar que o banco central americano, Federal Reserve, anunciou em 21/09/22, o aumento dos juros em 0,75 ponto percentual, para o intervalo entre 3,0% e 3,25% a.a. Foi a terceira elevação consecutiva dos juros americanos. O resultado já era esperado pelos analistas, em função dos números da inflação ao consumidor no País, em agosto, terem sido mais fortes do que o aguardado. O aperto na oferta de crédito da economia americana, que objetiva controlar a inflação, acaba refletindo em todo o mundo. Câmbio, valores de ações negociadas nas bolsas, nível de investimento, emprego e inflação em diversas economias recebem o impacto dessas altas. É preciso ressaltar que este aperto monetário, que objetiva reduzir o consumo e, com isso, amenizar a inflação, provoca, por outro lado, um maior rendimento dos títulos do Tesouro americano, que são considerados os mais seguros do mundo. Assim, os investidores podem direcionar os seus recursos para esse mercado, reduzindo, então, as suas aplicações em outras economias. E essa maior procura provoca um aumento do dólar.

O aumento de juros americanos e a manutenção da Selic no Brasil acontecem em meio a percepção da desaceleração da economia global. Vem ganhando força a redução das expectativas de crescimento de diversas economias. Além disso, a insegurança provocada pela possibilidade de agravamento dos conflitos Rússia x Ucrânia gera preocupação adicional e adia investimentos. Vale destacar, especialmente, a instabilidade provocada nos mercados com a ameaça, pela Rússia, de uma guerra nuclear.

No Brasil, os resultados da economia surpreenderam no primeiro semestre do ano. Os dados do Produto Interno Bruto (PIB), divulgados pelo IBGE, referentes ao 2º trimestre confirmam essa avaliação. Enquanto algumas projeções apontavam alta de 0,9% para o período de abril a junho, em relação aos primeiros três meses do ano, o crescimento foi de 1,2%. Todos os grandes setores de atividade apresentaram alta nessa base de comparação: Agropecuária (0,5%), Indústria (2,2%) e Serviços (1,3%). Pela ótica da demanda o consumo das famílias apresentou elevação de 2,6%, a Formação Bruta de Capital Fixo, que representa o investimento na economia, cresceu 4,8% e a Importação de Bens e Serviços avançou 7,6%.



Fonte: Contas Nacionais Trimestrais, 2º trimestre/22, IBGE.

Em julho a atividade continuou surpreendendo. O Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) aumentou 1,17% enquanto as expectativas sinalizavam alta de 0,30%. Alguns fatores ajudam a explicar o melhor desempenho da economia nacional em 2022. Inicialmente é preciso considerar a maior abertura da economia, com o fim das medidas de isolamento e também com o avanço do processo de vacinação (gerando maior controle da pandemia). Nesse contexto, destaca-se o desempenho do setor de Serviços, que fortaleceu o seu ritmo de atividades, depois de ser bastante atingido pela pandemia. Além disso, a antecipação do

pagamento do 13^a salário, bem como a ampliação do valor do auxílio Brasil e do vale gás, também contribuíram para o maior dinamismo econômico ao estimular o consumo.

Os resultados do emprego formal também demonstram o bom desempenho econômico dos primeiros sete meses do ano. Conforme os dados do novo Caged, divulgados pelo Ministério do Trabalho, de janeiro a julho/22 foram geradas, em todo o País, 1,561 milhão de novas vagas com carteira assinada. Com isso, o número de trabalhadores com carteira assinada passou a ser de 42,013 milhões enquanto, em dezembro/21 era 42,239 milhões.

Diante desses resultados as projeções para o resultado do PIB ganharam força. A Pesquisa Focus, 16 de setembro, espera crescimento de 2,65% para o Brasil. No início de 2022 as expectativas apontam incremento bem modesto: 0,28. Entretanto, é preciso considerar que os juros altos impactam diretamente os investimentos produtivos. Por isso, a economia nacional poderá, nos últimos meses do ano, perder força. Para conter o avanço da inflação e estimular as atividades da economia, o Brasil necessita das reformas estruturais, como a Administrativa e a Tributária. Elas podem trazer de volta a confiança que os investimentos precisam para ser consolidados e podem, ainda, proporcionar um ambiente de negócios mais saudável. O Brasil precisa avançar neste aspecto.

Elaboração: Economista Ieda Vasconcelos